



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

RENATA LETÍCIA DOS SANTOS LINS

**CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE
INDISCIPLINA ESCOLAR:
UM OLHAR DE COMPREENSÃO COMO PONTO DE PARTIDA**

**JOÃO PESSOA- PB
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

RENATA LETÍCIA DOS SANTOS LINS

**CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE
INDISCIPLINA ESCOLAR:
UM OLHAR DE COMPREENSÃO COMO PONTO DE PARTIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro
de Educação da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciatura de Pedagogia.

**JOÃO PESSOA- PB
2020**

L759c Lins, Renata Letícia dos Santos.

Concepção de professores do ensino fundamental sobre indisciplina escolar: um olhar de compreensão como ponto de partida / Renata Letícia dos Santos Lins. - João Pessoa: UFPB, 2020.

51f.

Orientadora: Célia Maria Cruz Marques Chaves
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
UFPB/CE

1. Indisciplina escolar. 2. Professor. 3. Ensino fundamental. I.
Chaves, Célia Maria Cruz Marques. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.016(043.2)

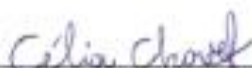
RENATA LETÍCIA DOS SANTOS LINS

**CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE
INDISCIPLINA ESCOLAR:
UM OLHAR DE COMPREENSÃO COMO PONTO DE PARTIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 10/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Célia Maria Cruz Marques Chaves
Universidade Federal da Paraíba (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Andréia Dutra Escarião (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Lilian Kelly de Sousa Galvão (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa- PB
2020

Dedico este trabalho ao meu DEUS que me possibilitou ingressar na tão sonhada graduação, bem como, utilizou situações, professores e colegas para me ensinar que tudo o que viesse a minha mão era pra eu fazer da melhor forma possível, conforme as minhas forças, me permitindo concluir o Curso de Pedagogia.

Relembrar a minha trajetória no Curso de Pedagogia, significa reviver memórias que me constituíram como um ser mais prudente e capaz de transpor barreiras em virtude do apoio, auxílio e incentivo de pessoas. Contribuição fundamental para que eu chegasse até aqui.

Por isso, gostaria de agradecer especificamente a minha mãe Rita Liberato Lins que sempre investiu a sua vida para que eu pudesse vislumbrar um futuro melhor. Por ter cuidado de mim, ter se preocupado comigo nas manhãs que eu saía de casa, no intuito de chegar à Universidade, enfim, gostaria de agradecer pelo infinito amor.

Gostaria de agradecer a minha tia Rosiane Lins, que infelizmente veio a falecer no decorrer do curso, mas durante a sua vida sempre me aconselhou e me incentivou a estudar. A minha tia Rosângela que também sempre fez o que estava ao seu alcance para me ajudar e me prestar apoio. Agradecer a minha irmã Rafaela Lins que também me ajudou muito em uma fase de enfermidade e ao meu padrasto Zé Carlos que muitas vezes subsidiou o meu transporte.

Agradeço a todos os meus professores que dividiram conosco os conhecimentos, as experiências e perspectivas de mundo, bem como pelas correções necessárias para uma mudança positiva. Em específico, agradeço a minha Orientadora Prof.^a Célia Chaves que desde o início se prontificou a me ajudar e que abriu meus horizontes no que se refere enxergar a sociedade. Agradeço as professoras Andréia Escarião e Lilian Galvão que aceitaram fazer parte de minha banca e pelas contribuições valiosas ao meu trabalho.

O meu muito obrigada ao Ministério Internacional Vida Abundante, em especial aos Pastores Edilson Matos Paiva e Neyre Vieira de Souza Matos, pelos conselhos, palavras motivadoras e pelo exemplo de ser, que por si só é a melhor forma de ensino de como viver a vida com mais força e leveza.

Agradeço as minhas amigadas por se alegrarem com as minhas conquistas e aos colegas que me ajudaram ao longo do curso. Bem como, todo o corpo que se estendeu fora da Universidade que acrescentaram na minha formação, isto é, os lugares que estagiei. Agradeço também aos demais funcionários da Universidade Federal da Paraíba, em especial aos funcionários do Centro de Educação.

A todos e a todas, meu muito obrigada, visto que dependemos de outros para avançar e sem vocês, talvez eu não teria conseguido!

RESUMO

O objetivo geral do presente trabalho é verificar a concepção do conceito e da ação mediadora de professores do ensino fundamental a respeito da indisciplina escolar. A fim de atingir tal objetivo, contou-se com a participação de 08 professores do ensino fundamental, de ambos os sexos, que exercem suas funções em instituições públicas e privadas, inclusive formados em cursos distintos, como: pedagogia, psicopedagogia, geografia e história. Os entrevistados apresentaram também idade e tempo de serviço bastante diversificados. Para a coleta dos dados, utilizou-se um roteiro de entrevista estruturado, contendo 07 questões sobre a temática abordada, além do questionário biosociodemográfico a fim de caracterizar a amostra. A fim de que fossem informados a respeito dos objetivos da pesquisa e autorizassem sua participação e publicação posterior dos dados coletados, os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), respeitando as Resoluções nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e 510/2016 (BRASIL, 2016) do Conselho Nacional de Saúde, que trata da pesquisa com seres humanos. As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo obtido consentimento para gravação das respostas a cada questão. Os professores foram abordados na instituição em que trabalham e aplicação durou em média 20 minutos. Para analisar as respostas dos professores nas entrevistas utilizou-se a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011). As respostas foram organizadas, a partir dos objetivos da pesquisa, em três categorias gerais: 1) Concepção sobre indisciplina escolar; 2) Fatores relacionados a indisciplina; 3) Estratégias de mediação do professor frente a indisciplina escolar. No tocante a primeira categoria, na concepção dos professores, a indisciplina escolar refere-se a quebra de regras institucionais por parte dos alunos, observada em atitudes comportamentais inadequadas que atrapalham o processo pedagógico e de aprendizagem. Tais situações podem estar relacionadas a diferentes fatores: familiares; de estrutura e organização escolar (aulas não atrativas, relacionamento entre professor e aluno, por exemplo); características pessoais dos alunos (Categoria II). Por fim, a respeito das estratégias de mediação frente a indisciplina escolar (Categoria III), metade dos participantes declararam já ter desenvolvido algum projeto escolar visando a prevenção da indisciplina além de atuar visando o diálogo, estratégias de incentivo e motivação como ferramentas para compreender os possíveis motivos que desencadeiam a indisciplina como também para auxiliar os alunos a abandonarem tais práticas. Esses resultados, relacionam-se a outros observados na literatura especializada e diante deles, pode ser relevante observar em estudos futuros em que medida o papel da gestão escolar, da estrutura, organização e planejamento das aulas e da dinâmica da relação professor-aluno e aluno-aluno podem estar relacionados a presença da indisciplina no contexto escolar.

Palavras-Chave: Indisciplina escolar; Professores; Ensino fundamental; Mediação pedagógica.

ABSTRACT

The general objective of the present work is to verify the conception of the concept and the mediation action by teachers of elementary schools regarding school indiscipline. To attain such aim, we counted with the participation of eight teachers of elementary teaching, like pedagogy, psychopedagogy, geography, and history. The interviewed professionals presented also age and time of service quite diversified. For the data gathering it was used a model of structured script with seven questions about the theme, besides the biosociodemographic questionnaire, in order to characterize the sample. To be informed about the objectives of the research and give permission for its publication, the professionals involved signed a Term of Clear Free Consent (TCFC), respecting the Resolutions nº 466/2012 (BRAZIL, 2012) and 510/2016 (BRAZIL, 2016) by the Health National Council, that deals with researchs about human beings. The interviews were done separately, and the recording of the answers was duly allowed by the participants. The teachers were questioned in their respective institutions and the sessions lasted about 20 minutes each. The technique of content analysis by Bardin (2011) was employed in the interpretation of the teachers' answers. These answers were organized up from the objectives of the research, in three general categories: 1) Conception about school discipline; 2) Factors related to indiscipline; 3) Strategies of the teacher's mediation facing cases of school indiscipline. In what concerns the first category, according to the teachers' view, school indiscipline refers to the breaking of institutional rules by the students, verified in inadequate behavioral attitudes that disturb the pedagogic and learning processes. Such situations may be related to different factors: families; of school structure and organization; (non attractive classes, relationship between teacher and student, for example); students' personal characteristics (Category II). Finally, with respect to strategies of mediation facing school indiscipline (Category III), a half of the participants declared to have already developed some school Project aiming at the prevention of indiscipline, besides acting envisioning a dialogue, strategies of incentive and motivation as tools for the understanding the possible motives that initiate indiscipline and to help students to quit such practices as well. These results relate to others observed in the specialized literature and looking at them one can observe in future studies in what measure the role of school management, structure, planning and organization of classes and of the dynamics of relationship teacher/student and student/student may be related to the presence of indiscipline in the school context.

Keywords: School Indiscipline; Teachers; Elementary Teaching; Pedagogic Mediation

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Indisciplina escolar – Concepções de professores do ensino fundamental.....	25
---	----

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
LISTA DE QUADROS.....	viii
1 INTRODUÇÃO	10
2 A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O DESENVOLVIMENTO DA INDISCIPLINA ESCOLAR: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	13
2.1 A Dicotomia na educação	14
2.2 Compreendendo a Indisciplina Escolar	16
2.3 A formação docente e ação mediadora	19
3 DESCREVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO	24
3.1 Delineamento	24
3.2 Participantes.....	24
3.3 Instrumento	24
3.4 Procedimento.....	24
3.5 Análise dos dados	25
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6 REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	46

1 INTRODUÇÃO

Atrelado ao contexto histórico do Brasil é relevante ressaltar que a falta de respeito a grupos menos favorecidos se estabeleceu inicialmente com a colonização, assim, se constituiu a imposição da força enquanto caminho para dominação, na qual, a relação era estabelecida em que o poderoso teria a soberania sobre o fraco (REMY, 2019). Consequentemente, tal influência alcançou as escolas, visto que, os professores com a permissividade dos pais, aplicavam castigos e punições severas em situações cotidianas quando discentes agiam em desfavor ao cumprimento das regras estabelecidas (CARVALHO, 2019).

Entretanto, com o passar das décadas, a população conquistou alguns direitos legais para a garantia da educação, alimentação, moradia, lazer e a proibição de castigos físicos (danos morais e corporais) a todos e principalmente aos menores de idade (BRASIL, 1988). Apesar dos singelos avanços na atualidade, relatos emitidos por meios de jornais, revistas e outros meios de comunicação, apontam que a educação brasileira, dentro da esfera social, familiar e mais notadamente escolar, encontra-se imersa em situações de precariedade (GADELHA, 2017). Dentre tais questões escolares, é possível salientar que muitos docentes encontram-se em ambientes com condições de ampla defasagem, que inibem a melhoria e valorização da carreira, ou seja, salas cada vez mais lotadas, cobranças excessivas e desproporcionais à realidade dos alunos, pais omissos ao incentivo estudantil e a cooperação com a escola, bem como, falta de tempo para organizar aulas mais atrativas, entre outras coisas, que podem consequentemente gerar o agravamento de outros problemas (SCHEIBE, 2010).

Juntamente aos motivos desgastantes, pode-se mencionar a indisciplina escolar envolvendo alunos que ocorre por diversos fatores, configurando certa complexidade ao entendimento do fato (BRITO, 2012). A indisciplina notoriamente é um dos mais destacados desafios para o professor atuante que vislumbra o ensino e a aprendizagem (FERREIRA, 2016). Desta forma, o tema Indisciplina Escolar é um conceito que vem sendo estudado por pesquisadores da área, que comumente entendem como situação que fere aos princípios e regras da instituição, mas que não simplesmente se detém a tal (BRITO, 2012). Com isso, a falta de disciplina praticada pelos alunos e a forma como os professores compreendem essa intercorrência, indissociavelmente ao período de formação acadêmica é o foco central do presente trabalho, que se justifica em virtude de vivências empíricas que

ocorreram em minha vida, quando atuei no estágio supervisionado IV, encaminhada pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mais precisamente no ano de 2019, no sétimo período do curso de Pedagogia. Naquele momento, estagiei em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, em uma escola no bairro do Bessa, com alunos de faixa etária heterogênea, de 10 à 15 anos de idade, e por sua vez, a maior parte dos estudantes residiam na Comunidade São Luiz, localizada à margem do bairro.

Acompanhei a turma no período 2019.1 e pude perceber ao decorrer dos estágios uma formidável melhora no comportamento dos alunos em relação a aprendizagem, visto que eram sujeitos bastante inquietos e indisciplinados, em outras palavras, não realizavam as atividades, não tinham zelo pelos materiais, brincavam a todo tempo, saíam da sala sem dar satisfação a professora, xingavam, jogavam papel, tinham dificuldade de ouvir ou prestar atenção, configurando a falta de organização para aprender. Mas, após a substituição da docente os alunos paulatinamente começaram a reconduzir suas condutas, possibilitando uma melhoria no aproveitamento escolar. Percebi que a professora que assumira a sala impunha respeito, que sempre estava a orientar e a refletir frente aos alunos sobre a realidade da vida, que procurava manter um bom relacionamento, sempre falando da necessidade de vislumbrar e lutar por um futuro melhor.

Dentre as situações vivenciadas, uma me chamou bastante a atenção: um aluno estava em pé, conversando com outro, e então a professora pediu para que os alunos sentassem, um deles afirmou que não iria sentar, então, a professora disse que ele deveria se sentar sim, porque ela o tratava com respeito e ele deveria respeitá-la na mesma proporção, pois sentia sua falta quando este não vinha para a escola, visto que a presença do menino era importante ali, já que desejava vê-lo juntamente com os demais melhorando de vida. Imediatamente o educando se sentou, baixou a cabeça e desde esse dia em diante mudou sua postura em sala de aula, começou a fazer todas as atividades, e a respeitar em sua maioria as regras.

Mediante a essa situação, fiquei perplexa, me questionando qual seria a minha ação caso o fato fosse comigo? Certamente eu o suspenderia? Chamaria a diretora e a família? Pediria para o aluno sair da sala? E tais ações me gerariam efeitos positivos? Percebi que a sala de aula é soberanamente desafiadora e que o professor necessita ter inteligência emocional para não se desestruturar com a difícil realidade que é lidar com sujeitos singulares, advindos de contextos socioculturais diferentes com carências de modelos sociais para a valorização da paz e do equilíbrio em situações conflituosas. Tal estágio

supervisionado demonstrou o quanto a sabedoria e a postura dos educadores fazem a diferença na rotina da sala de aula, assim também, me fez pensar sobre a omissão dos familiares, da escola, do governo e dos profissionais da educação quando não se unem para a melhoria desses indivíduos.

Ao me ver, inserida nesse contexto como regente, percebi que estava cursando o 7º período do curso de pedagogia e ainda não me sentia capaz para intervir nos casos de indisciplina, conflitos, agressões verbais e físicas no contexto escolar. Considerei que ao decorrer dos períodos letivos não havia me deparado diretamente com conteúdos teóricos que me permitissem encarar esse tipo de fato na escola de forma mais clara, profissional e consciente, para uma ação que levasse a transformação. Então atentei para pesquisar o tema, com o interesse de responder dois principais problemas: Qual a concepção de professores do ensino fundamental sobre a indisciplina escolar e como os professores compreendem sua ação mediadora diante de situações de indisciplina. Acreditando que o assunto potencializará minha formação e atuação como futura pedagoga, considerando a preponderância deste estudo para a construção de conhecimentos utilitários aos educadores.

Utilizou-se de diversas obras para chegar a um determinado conhecimento, dentre elas, o livro *Indisciplina Escolar: Antigos problemas, novas discussões* (Clovis Brito) e *Pedagogia da Autonomia* (Paulo Freire), além de outros artigos que serão posteriormente citados e referenciados, subsidiaram as discussões teóricas no presente trabalho. A pesquisa de campo se ancorou em uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, considerando a participação de professores do ensino fundamental I e II de instituições escolares da rede pública e privada do Município de João Pessoa. Buscou-se mais especificamente, perpassar os seguintes caminhos:

Objetivo Geral:

- Verificar a concepção do conceito e da ação mediadora de professores do ensino fundamental a respeito da indisciplina escolar.

Objetivos Específicos:

- Averiguar as concepções de professores do ensino fundamental sobre a indisciplina escolar;
- Descrever quais fatores estão relacionados a indisciplina escolar na concepção de professores do ensino fundamental;
- Observar como o professor julga que seu processo de formação docente contribuiu/ contribui para sua ação mediadora em situações de indisciplina escolar;

- Registrar como o professor relata a gestão da sala de aula diante de situações que envolvem a indisciplina escolar.

2 A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O DESENVOLVIMENTO DA INDISCIPLINA ESCOLAR: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A história da educação brasileira foi marcada por diversas transformações e contradições eminentes no campo metodológico-educacional que se iniciaram em meados de 1549, com a influência dos Jesuítas quando chegaram ao Território Nacional contendo uma visão missionária de converter os indígenas ao catolicismo (AZEVEDO, 1976). Consequentemente esse objetivo culminou na implantação de escolas com o ensino religioso, o ensino da língua portuguesa, a contenção e dominação dos sujeitos através da implantação de castigos e punições corporais, com o intuito de promover a docilidade e a obediência.

Para FREYRE as formas de castigar eram diversas, entre elas utilizavam-se:

“[...] várias espécies de palmatórias, a vara de marmelo, às vezes com alfinete na ponta, o cipó, o galho de goiabeira, o muxicão, o cachaço, o puxavante de orelha, o beliscão simples, o beliscão de frade, o cascudo, o cocorote, a palmada [...]” (FREYRE, 2005, p. 556).

Tais condutas perduram sendo vistas como coerentes por mais de meio século no Brasil, isso porque, acreditava-se que contribuiriam na criação de homens virtuosos. Preconizando o início do século XVII, houve a publicação do *Ratio Studiorum*, constituindo um plano curricular que descentralizava os castigos corporais aos discentes, priorizando o grande volume de conteúdos, incentivando a disciplina através de competições, comparações e recompensas, como aponta Barbosa (2012, p. 33.)

Com o início do século XVIII, houve outra tentativa de reforma no ensino. Após a expulsão dos Padres com o método Jesuíta, foi inserida a Reforma Pombalina, que tirou o poder da educação das mãos da igreja e o colocou nas mãos do Estado, com o plano de aulas régias ou avulsas, foi uma das primeiras iniciativas para tornar o ensino público, ainda que destinado a elite, com professores admitidos mesmo sem ter formação para tal. Essas medidas não atenderam as necessidades educacionais do povo, ficando o ensino praticamente abandonado por alguns anos (SECO, 2006). Só a partir do século XIX, foi novamente testado outro método de ensino, desta vez, o método *Lancaster* ou *Mútuo*. Este vislumbrava contemplar uma quantidade maior de alunos e a controlar a classe.

É o que aponta ALVES, (2001, p. 113):

“ [...] Os decuriões devem fazer estudar as lições seus discípulos ao mesmo passo que as estudam eles mesmos, vigiar no seu bom comportamento, e no sossego e boa ordem da classe.

Cada uma destas classes deve ter um certo número de vigias ou inspetores (nas escolas de Lencaster dá-se-lhe o nome de monitores).

A obrigação destes monitores é vigiar exclusivamente sobre o que se está fazendo na classe, ensinar os decuriões (...).”

Tal modelo de ensino era visto de forma muito positiva para época, pois almejava o ampliação e alcance de estudantes. Entretanto, de acordo com Barbosa (2012), esse novo método de ensinar não rompia com a forma opressora do modelo anterior, inclusive, existem registros de que os castigos corporais perduraram em algumas instituições:

“[...] as práticas disciplinares continuaram envolvendo elementos de um passado não muito distante: a vigilância; o enfileiramento hierarquizado dos alunos; o culto ao silêncio; a imobilidade dos corpos; a demarcação inflexível do tempo; o trabalho solitário, destituído de reflexão. (BARBOSA, 2012, p.37.)

Adiante, no século XX, houve a tentativa de superação dessa concepção e ação escolar. Grupos de educadores brasileiros se basearam em um novo movimento originado da Europa, a Escola Nova, que por sua vez, buscava o desenvolvimento construtivista. Compreendendo a realidade dos alunos, os influenciando à prática da comunicação entre pares, com professores mediadores, ou seja, o professor não era mais o centro da aprendizagem, mas a criança deveria aprender através de seus impulsos de interesse e curiosidade (VYGOTSKY, 1998).

Infelizmente, tal perspectiva não atingiu sucesso no país, isso porque os educadores aplicaram o modelo de forma equivocada em relação as ideias dos criadores do projeto. O que acarretou na falta de planejamento curricular, em atividades aleatórias e sem objetivos, no empobrecimento de conhecimentos, em outras palavras, os professores se perderam em suas atividades, partido para um extremo oposto ao anterior (BARBOSA, 2012), o que consequentemente gerou um descrédito e preconceito no país.

2.1 A Dicotomia na educação

Atualmente sabe-se que é proibido mediante o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei (8.069 de 13 de Julho de 1990) qualquer forma de castigo físico ou humilhação a crianças e adolescentes, tanto no âmbito social, escolar, como na esfera familiar.

“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão,

punindo, na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais.” (BRASIL, 1990, Art. 5)

Apesar da busca em prol de direitos que asseguram o respeito a esses sujeitos provenientes de diversas realidades, é visível os resquícios das heranças culturais de sociedades passadas na organização institucional. Se constata, por exemplo, algumas práticas arbitrárias como gritar, rotular, chantagear e ignorar. A justificativa para que isso não tenha sido superado é encontrada no discurso de Freire (1997) que afirma que o opressor passa suas persuasões ideológicas de geração em geração.

“Na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado, repetimos, pelos que têm poder.

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. “Fora da posse direta, concreta, material, do mundo dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos.” (FREIRE, 1997, p. 62)

Alguns ainda acreditam que a forma coercitiva de coibir a indisciplina ainda seja a melhor estratégia para garantir o ensino. Porém, é válido refletir sobre as desvantagens de utilizar tal ferramenta, sobretudo, quando se considera o quanto elas podem trazer consequências emocionais, inibir a autonomia do aluno, acarretando dificuldades em sua aprendizagem (SOUSA, 2012).

A esse respeito, ainda há professores que vêm a necessidade de assumir posturas autoritárias, provenientes de uma mentalidade colonialista, se configurando em uma pedagogia opressora, fechada e determinista que acredita que a melhor maneira de tratar o aluno é assumindo uma posição de dureza, caso contrário, perderá o topo da hierarquia na sala de aula.

Opostamente, constata-se com frequência, professores expostos a vulnerabilidade, sendo notícia em manchetes televisivas, de jornais, revistas e artigos, como profissionais descredibilizados na sala de aula, alvos de constante desrespeito, sarcasmo, desvalorização e até ameaças. Ou seja, é facilmente relatado para nós, enquanto membros deste cenário, dois extremos.

Nas últimas décadas o professor tem aparecido de forma estigmatizada como aquele que não trata com respeito ou que não é respeitado. A grande questão é que precisamos refletir o porquê desses docentes assumirem tais papéis que são em alguns casos encarados

como vilões ou vítimas (CHARLOT, 2005). Será que o professor é mau? Ou são os seus alunos? Será que os docentes foram devidamente orientados para agirem em situações de indisciplina escolar ou eles perderam o bom senso? Com quem aprenderam a agir assim? Por que agem assim? De quem é a culpa? Dos alunos, sociedade ou familiares?

É possível considerar que a resposta para tais questões estão relacionadas a falta de superação das crenças anteriores e que isso está tão impregnado que o sistema educacional da contemporaneidade tem, aparentemente, dificuldade de acreditar, assumir e ter segurança em outras posturas. Passa, dessa forma, a adotar a propaganda de um ensino inovador dentro de uma perspectiva construtivista, na qual, o aluno é partícipe do seu conhecimento, quando na verdade, está a contemplar a perspectiva tradicional (CHARLOT, 2015), com professores que vislumbram o uso exaustivo do livro didático, com aulas não democráticas, em que o aluno deve estar passivo para receber o conhecimento que o professor tem para depositar, favorecendo o tédio, a desmotivação e consequentemente a indisciplina escolar.

2.2 Compreendendo a Indisciplina Escolar

Inicialmente, para entender o que é indisciplina é fundamental perpassar sobre o conceito real e atual de disciplina escolar. Felizmente, a disciplina não é um resultado atado e servil da arbitrariedade do professor, como acreditava-se nos séculos passados.

“A disciplina consiste em um dispositivo e em um conjunto de regras de conduta destinada a garantir diferentes atividades em um lugar de ensino. A disciplina não é um conceito negativo; ela permite; autoriza; facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é. Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar. (BARBOSA, 2012, p.41).

A sociedade está interligada a diversas esferas, como por exemplo, família, escola e trabalho. O humano se configura assim como um ser multifacetado, suscetível a desacordos relacionados ao meio em que está inserido. Consequentemente, faz-se necessário a utilização de regras claramente estabelecidas, objetivando a organização, harmonia, a garantia de direitos e de deveres. Tais regras, quando voluntariamente admitidas, propiciam o modo de conduta para as instituições, e consequentemente a garantia da disciplina dentro do espaço escolar que influenciará na qualidade do ensino.

Já a quebra das regras, por exemplo, na instituição pode representar contratempo e desconforto para o professor, pois a ele são determinadas uma série de responsabilidades, orientadas muitas vezes por um currículo escolar repleto de exigências inflexíveis, com rotina, cronograma e múltiplas atividades determinadas. Tais intempéries da vida escolar podem favorecer o estresse e a visão limitada a respeito do que vai além da sala de aula, conceituando os acontecimentos de disciplina e indisciplina de maneira desprovida do senso crítico.

É importante pontuar que a obediência as regras sem a compreensão do “porque” elas existem e de “qual a importância” delas para uma convivência social satisfatória, parece não ser tão eficaz. A esse respeito, existe no campo das ciências sociais, uma preocupação antiga em estudar e refletir a respeito da noção de Desenvolvimento Moral, no sentido de promover a evolução de uma aceitação e obediência unilateral às regras para uma reflexão mais profunda e compreensão de que elas são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa. Apesar de não ser uma variável de estudo na presente pesquisa, reconhecemos aqui que, assim como apresentado por Piaget (1932/1994) na obra *o julgamento moral na criança* (que discute o quanto o avanço nos estágios do desenvolvimento moral está relacionado com o avanço no desenvolvimento cognitivo) a reflexão sobre as normas sociais e sua introjeção, é um dos fatores que podem promover a socialização e a diminuição de comportamentos indesejados, como os agressivos, violentos e de indisciplina no contexto escolar. Estudos mais recentes, contudo, apontam que além da cognição, os aspectos emocionais como a empatia, promovem o raciocínio moral e a educação moral promovida por pais e professores deve também considerar tal aspecto. Para uma revisão cuidadosa e criteriosa sobre o desenvolvimento moral valorizando tanto os fatores cognitivos quanto emocionais recomenda-se a leitura do estudo de Galvão (2010).

A respeito do conceito de indisciplina, Aquino (2016) indica que só a partir do final da década de 90, essa palavra começou a ganhar visibilidade teórica no campo educacional brasileiro. Este prefixo (in) vem justamente para assumir o sentido oposto, de restrição e negação. Desta maneira, o conceito indisciplina é apresentado no dicionário (AURÉLIO, 2010) como um procedimento, ato ou dito contrário a disciplina. E o sujeito que a pratica, é aquele que não observa a disciplina.

“Entendemos, a partir da literatura pesquisada, que a indisciplina escolar pode ser pensada como negação da disciplina, ou como “desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas pelo grupo.” (DAMKE, URT, SAUSEN, WALTER, 2012, p.3)

Para LEMOS (2017) ainda existe uma falta de precisão e atualização na definição conceitual do tema, inclusive, o termo nem sempre é compreendido com clareza por discentes e docentes, podendo assumir diversas interpretações, conforme a visão pessoal. Nessa direção, professores apontam a indisciplina de diferentes maneiras, isto é, conversas paralelas na sala de aula, mastigar chiclete, não realizar as atividades pedagógicas, mexer no celular, desafiar a autoridade do professor, ficar de costas quando o docente fala, se levantar a todo instante.(MARTINS, OLIVEIRA, NICOT, 2016).

De certa forma, tais visões se relacionam formando uma ligação quando remetidas à definição de indisciplina. Porém, é válido destacar que a indisciplina não é apenas um fenômeno comportamental de inquietude, com as jogadas de bolinha de papel e as conversas paralelas que tanto repercutem na dinâmica da sala de aula. Ela também pode ocorrer com a omissão e a negação de pertencer e fazer atividades atribuídas ao grupo estudantil. Por isso, um aluno quieto e silencioso, também pode ser um aluno desinteressado (BARBOSA, 2012).

A indisciplina praticada por alunos pode ocorrer em consequência de diversas induções, entre elas, as sociais, culturais e/ou econômicas. A pesquisadora Simon (2012) esclarece e aponta algumas possíveis contribuições para aparição:

“A indisciplina, nesse caso, pode ser uma ruptura, uma desvinculação com a autoridade docente ilegítima, não reconhecida pelos alunos, rompendo com aquilo que define a autoridade. Essa ruptura demonstra um sentimento de liberdade por parte dos alunos e pode mostrar quem eles são, o que eles querem e, também, a necessidade que eles possuem de uma figura de autoridade.

A indisciplina pode sinalizar que a autoridade não dura para sempre, nem é algo pronto, natural na relação entre professor e aluno. Ela pode ser uma força de transformação no relacionamento entre aqueles e na maneira como ambos constroem e interpretam o vínculo de autoridade. Por um lado, pode indicar a falta de experiência de autoridade entre os sujeitos escolares e a falta de interesse na formulação de vínculos. [...]. Nesse sentido, a indisciplina pode ser uma expressão do desejo de orientação, segurança e estabilidade, que não está sendo satisfeita pela autoridade dos professores.

A indisciplina escolar pode, também, ser uma estratégia de colocar em crise a autoridade do professor, de questionar a maneira como os sujeitos escolares estão interpretando as condições de poder. Ainda, as expressões de indisciplina podem ser uma tentativa de reduzir o medo da autoridade. (SIMON, 2012, p. 63)

Em resumo, a presença de prejulgamentos, baseados apenas em manifestações que inviabilizam o cotidiano da sala de aula, dificulta a identificação e compreensão dos fatores que estão interligados aos comportamentos de indisciplina dos alunos. Esse fato prejudica

ainda a reflexão sobre as possíveis soluções que possam contribuir para a diminuição da indisciplina escolar, dentre eles, a discussão sobre o processo de formação do educador.

2.3 A formação docente e ação mediadora

A formação docente é sem dúvida um fator valioso para a educação, pois ela é o fundamento da constituição do profissional. Vinculada à pretensão de capacitá-lo para o exercício de uma ação reflexiva e fundamentada em teorias científicas, vale a pena refletir até que ponto esse processo tem considerado o que é ou não pertinente nas concepções curriculares da instituição e na relação com os demais atores escolares, com seus diversos perfis, personalidades, temperamentos e ideologias. Tal conceito é colocado por Veiga (2008) como o ato de formar o docente enquanto futuro educador, e converge com o desenvolvimento de funções de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar, sendo um acontecimento que tem tempo definido para se iniciar, mas que perdura até o final da vida.

A construção estrutural e cuidadosa do profissional acarretará, na identidade docente, do ser e estar em sua atuação, direcionando a forma como o professor se enxerga, quais seus pensamentos e princípios, o que é ou não válido para ele, como apontado por Veiga (2008, p. 17):

“A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão.
Essa referência deixa claro que a identidade profissional se constrói com base no significado dos movimentos reivindicatórios dos docentes e no sentido que o profissional confere a seu trabalho, definindo o que quer, o que não quer e o que pode como professor.”

Assim, o professor no caminho formativo constitui sua identidade docente (VEIGA, 2008) e essa identidade influencia proporcionalmente a mediação pedagógica que é a ação que possibilita ao aluno, sobretudo, o suporte e desafios para que ele chegue paulatinamente a um lugar favorável na construção de conhecimentos, e na composição cidadã, de ser pertencente a uma sociedade (REIS, 2010). A verdade é que em determinados casos, professores ao se depararem com situações referentes a resoluções de conflitos, como as ofensas verbais e físicas, bullying e a indisciplina escolar, direcionam e responsabilizam apenas fatores externos, se eximindo da gestão pedagógica (ANDRADE, 2012).

Assim, existe a indagação sobre se há realmente a preparação efetiva para a iniciativa de mediação pedagógica, se a formação acadêmica reverberou positivamente na identidade docente e conseqüentemente no seu entendimento sobre mediação. Se esses educadores da

atualidade foram direcionados para o planejamento em concordância com a contextualidade e em que têm se baseado.

Atualmente, com certa facilidade, encontram-se educadores que argumentam que suas frustrações e desmotivações com a profissão são provenientes das dificuldades de exercer a autoridade em sala de aula, devido principalmente a comportamentos inconvenientes dos estudantes. Esses episódios muitas vezes, interferem na qualidade da turma e na saúde do educador. Isso, porque os sujeitos podem vir a apresentar ansiedade, isolamento, repulsa a ir à escola, irritabilidade, insônia, ou em alguns casos, a *Síndrome de Burnout*, que consiste em um distúrbio de ordem emocional, caracterizado pelo esgotamento psíquico e físico, proveniente de desgaste e estresse do trabalho (TRIGO, 2007).

Muitos profissionais da área, se sentem fragilizados ou impotentes em relação ao agir pedagogicamente, para mediar às diversas ocasiões que tendem a sobrevir na escola, mais precisamente sobre a indisciplina escolar. E isso pode se instalar como resultado de lacunas que ficaram no período de formação. Como apontado por Silva:

Ainda assim, como profissionais da educação, a formação que lhes é ofertada pelas instituições de ensino no Campo Educacional Brasileiro superior tende a não abordar essa que é, necessariamente, uma atribuição cotidiana do professor. Por que, então, as questões relacionadas à gestão de sala de aula e disciplina não são tomadas como objetos de considerável destaque na formação docente? (SILVA, 2016, p. 545)

A esse respeito, Vasconcelos (2009, p. 33) levanta hipóteses como:

[1] o entendimento de que há uma relação direta desta com o autoritarismo, [2] por representar, para muitos, um fracasso profissional e pessoal, [3] por considerá-lo problema da direção ou da família, [4] por entender que esse é um saber a ser ensinado pelo ofício (saber experiencial), [5] por compreender que a academia não deveria “se rebaixar” para tratar de procedimentos e/ou [6] por ser a disciplina vista como consequência de outros aspectos do trabalho docente, normalmente abordados pela Didática. O resultado disso é que várias gerações de novos professores saíram da universidade “[...] sem uma reflexão mais sistemática e crítica sobre esse problema que tanto inquieta o cotidiano e, objetivamente, tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano”.

É pertinente afirmar que na atual conjuntura política do Brasil, discutir sobre indisciplina escolar soa como desadequado, ou como a defesa de uma visão ditatorial de pensar a educação. Imprimindo ao tema o preconceito da ideia da utilização da força, dominação e a soberania do professor. Apesar de haver um relevante número de artigos periódicos publicados sobre o tema, é apontado por Silva (2016) que a indisciplina escolar e

o enfoque a gestão de sala de aula pelo professor são pouco discutidos e trabalhados na academia, especialmente por cursos de licenciatura. O que na verdade configura a falta de responsabilidade com a formação, através do silenciamento de informações que são direitos do formando. Essas atribuições do cotidiano da sala de aula devem ser conhecidas, cabendo ao professor saber de que maneira deverá reagir em situações que variam desde dúvidas sobre o ensino até posicionamento comportamental desses indivíduos.

No gerenciamento da sala de aula, os professores devem ter em mente quais propostas ou tendências pedagógicas, suas atitudes como profissional se baseiam. De que maneira os autores que abordam o tema, dialogam ou divergem em relação a prática e quais os objetivos irá supostamente conseguir utilizando-as. Deixando para trás as perigosas reproduções e ações aprendidas por herança do senso comum de gerações anteriores, que por sua vez, são desprezíveis em compreender os sujeitos em suas singularidades.

É preciso abandonar a falta de entendimento que lhe potencializa o lugar de fragilidade e de determinismo pedagógico, apontado por Silva (2016). No qual, devido às condições materiais e culturais dos alunos, os professores colocam a anulação da possibilidade que a mediação possa gerar efeitos diferentes do que o contexto que o aluno faz parte promove. Justificando os estigmas em discursos, vistos em falas das seguintes maneiras: Educação vem de berço! Esse aí é filho de drogado! Não tem jeito! Ele não quer nada com nada.

Tal julgamento tem relação com a crise na educação e como ocorrerá o ciclo de vida da carreira do profissional do docente. A esse respeito, Huberman (2000) aponta que no período de 1 a 3 anos, o professor ao entrar na carreira se depara com o impacto da dinâmica dessa nova realidade, sendo um tempo para definir a sobrevivência. Após isso, há a fase dos 4 a 6 anos, se afirmando pelo espírito de exploração, crescimento profissional, afirmação enquanto professor e estabilização da carreira. Dos 7 a 25 anos, o profissional se depara muitas vezes com o desejo de transformar sua metodologia, ou começa a se questionar se deseja continuar a atuar. Dando sequência ao ciclo, se faz presente a fase do distanciamento afetivo, lamentações, apatia, conformação com a difícil realidade, que ocorre entre os 25 a 35 anos de idade, chegando até o período final, que acontece entre 35 a 40 anos de idade, sendo pontudo de desinvestimento, e serenidade.

É verdadeiro que nem todos persistem na carreira docente, ou vivem tais fases colocadas por Huberman (2000), que por sua vez, não consiste dizer que todo profissional irá se desestabilizar com a carreira. Mas, segundo Brito (2012) é válido pensar que a indisciplina

é apontada como um dos principais problemas desencadeadores para o desentendimento com a profissão.

“Esse estresse, [...] é o fator mais influente no fracasso dos professores, levando inclusive a fazer com que alguns docentes desistam da profissão por não saberem lidar com tais situações. Acredito que tal situação ocorra porque alguns professores ainda estão se preocupando para uma escola que não existe mais, que ficou em épocas passadas.” (BRITO, 2012, p. 71)

O educador que deseja atualizar-se busca reinventar ou ampliar seus horizontes, reformulando suas visões, ampliando suas perspectivas e saberes que irão articular a melhoria na relação pedagógica, pois entende que o tempo da formação é um processo inconcluso, na qual o professor deve estar ciente desde o primeiro momento como olhar para os problemas frequentemente aparentes na sala de aula, para trabalhá-los de uma forma equilibrada e legítima.

Mas, diante das considerações pontuadas até aqui, é importante mencionar que a compreensão sobre autoridade não deve ser confundida com autoritarismo. A autoridade é um instrumento que remete à reciprocidade da ética e do respeito, fazendo-se indispensável para manter o equilíbrio e orientação dos limites aos sujeitos que estão descobrindo a si e aos outros inseridos na vida social (FREIRE, 2000).

Sem enxergar a autoridade, não há humildade para saber que precisa-se de um orientador para lhe apresentar caminhos. Freire (2000) aponta que a autoridade é necessária para a construção da liberdade, isto é, ela é importante para que o aluno possa ter um referencial que lhe apresente as consequências de suas escolhas, contribuindo assim, no processo de amadurecimento do indivíduo e consequentemente da autonomia para realizar as melhores escolhas.

“Para o meu interlocutor, a liberdade estava acima de qualquer limite. Para mim, não, exatamente porque aposto nela, porque sei que sem ela a existência só tem valor e sentido na luta em favor dela. A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.” (FREIRE, 2000, p. 118)

Infelizmente hoje em dia ocorre a falta da compreensão e cuidado com o equilíbrio, desconhecendo a pertinência da autoridade e confundindo a autoridade com o autoritarismo, e a liberdade com a licenciosidade, sendo o autoritarismo a arbitrariedade das condições impostas e a licenciosidade, o abuso da permissividade, com o excesso, ambos tendem a afetar a relação professor-aluno e o ensino e aprendizagem. Como apontado por Freire:

“O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade.” (FREIRE, 2011, p.86)

Favoravelmente, o ponto intermediário permite uma constância indissociável da formação docente de qualidade e sobre o tratamento do tema. Isto posto, é sabido que a indisciplina é uma ação que provoca o rompimento com a autoridade e que pode ocorrer por diversas causas, influências e objetivos (SIMON, 2012).

É óbvio que o educador não tem o controle de tudo o que está a sua volta, mas por ocupar uma posição capaz de influenciar e transformar (SAVIANI, 1996), seu papel deve ser voltado para criticidade, contendo uma postura ativa, mobilizada para investigar e reconhecer habilidades, preconceitos, letargias e retrocessos no sistema de ensino, favorecendo melhorias (FREIRE, 2000), buscando ser ideologicamente comprometido com a educação tendo a consciência que o ato de educar é difícil, cansativo, em virtude disso, deve-se buscar usufruir das facetas pedagógicas.

Para Simon (2012), a indisciplina pode aparecer como um sinal da falta de interesse do aluno pela autoridade, ou pelo conhecimento, escola, relações e por si mesmo, por desacreditar sobre o que a escola pode oferecer na melhoria de seu futuro, podendo também aparecer em virtude das mudanças biológicas e hormonais da criança. A indisciplina pode ser uma forma de chamar a atenção, uma maneira de romper com o medo da autoridade e com a arbitrariedade docente. Ainda, a indisciplina pode ser uma manifestação da necessidade de orientação e de limites, da falta de compreensão da importância das normas sociais, bem como ser um indicativo que os alunos querem participar das programações da escola e da formulação da autoridade.

Para Dayan 2012:

“A indisciplina é provocada por problemas psicológicos ou familiares, ou estruturação escolar, ou das circunstâncias sócio-históricas, ou então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua personalidade, pelo seu método pedagógico etc.” (DAYAN, 2012, p.19)

Como foi visto, a indisciplina escolar praticada pelos alunos pode ocorrer em decorrência de diversos fatores, inclusive a partir da postura do professor. Mediante a isso, o desenvolvimento do presente estudo poderá oferecer informações sobre como os professores compreendem tal fenômeno, quais suas concepções, qual sua postura frente a tais ocasiões e de que modo a formação acadêmica contribuiu/tem contribuído para a atuação, usufruindo ou não da autoridade

3 DESCRIVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO

3.1 Delineamento

A partir das indagações e justificativas apontadas na introdução desse trabalho, desenvolveu-se em concordância com o Trabalho de Conclusão de Curso um caminho metodológico interessado em alcançar os objetivos propostos. A pesquisa se ancorou em uma perspectiva de análise qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, obedecendo os seguintes elementos metodológicos:

3.2 Participantes

Participaram desse estudo 08 professores do ensino fundamental I e II, da cidade de João Pessoa, sendo a maioria do sexo feminino ($f = 7$; 87,5%), com idades variando de 20 a 60 anos ($M = 39,5$; $DP = 13,41$), lecionando tanto em escolas públicas ($f = 4$; 50%), quanto privadas ($f = 4$; 50%), em média, há 13 anos ($DP = 9,7$) com graduação completa ($f = 7$; 87,5%) no curso de pedagogia ($f = 5$; 62,5%), em universidade pública ($f = 6$; 75%). A amostra caracterizou-se como não probabilística, isto é, de conveniência, participando pessoas que, convidadas aceitaram colaborar.

3.3 Instrumento

Os participantes responderam a um roteiro de entrevista estruturado, composto por 07 questões sobre a temática abordada, além do questionário biosociodemográfico a fim de caracterizar a amostra de participantes (ver anexo II). As perguntas além de tentarem captar a bagagem de conhecimento dos entrevistados, buscaram identificar alguns aspectos como expressões faciais e corporais, risadas, perguntas, uma vez que a entrevista ocorreu por intermédio do recurso da gravação.

3.4 Procedimento

Respeitando as Resoluções nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e 510/2016 (BRASIL, 2016) do Conselho Nacional de Saúde, que trata da pesquisa com seres humanos, obteve-se consentimento dos professores que assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE, ver anexo I). O TCLE informou ainda sobre os objetivos da pesquisa e solicitou autorização para publicação posterior dos dados coletados. As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo obtido consentimento para gravação das respostas a cada questão. Os professores foram abordados na instituição em que trabalham e aplicação durou em

média 20 minutos. Ademais, o desenrolar da intenção e o aplicar dos procedimentos metodológicos foram compondo e delimitando o desenvolvimento da pesquisa, desencadeando o resultado do projeto, ou seja, a intenção metodológica, reafirmou e direcionou o trabalho.

3.5 Análise dos dados

Para a tabulação e análises estatísticas dos dados, foi utilizado o *SPSS (Statistical Package for the Social Science*, versão 21). Realizaram-se inicialmente as estatísticas descritivas (medidas de tendência central e de dispersão, distribuição de frequência e percentual) para caracterizar a amostra de participantes estudada. Para analisar as respostas dos professores nas entrevistas utilizou-se a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Retomando, o objetivo geral dessa pesquisa, foi verificar a concepção do conceito e da ação mediadora de professores do ensino fundamental a respeito da indisciplina escolar e como objetivos específicos, adotou-se: a) Averiguar as concepções de professores do ensino fundamental sobre a indisciplina escolar; b) Descrever quais fatores estão relacionados a indisciplina escolar na concepção de professores do ensino fundamental; c) Observar como o professor julga que seu processo de formação docente contribuiu/ contribui para sua ação mediadora em situações de indisciplina escolar; d) Registrar como o professor relata a gestão da sala de aula diante de situações que envolvem a indisciplina escolar.

As respostas dos participantes foram organizadas, a partir dos objetivos apontados, em três categorias gerais como é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1: Indisciplina escolar – Concepções de professores do ensino fundamental

Categorização		
Categoria I: Concepções sobre indisciplina escolar	Categoria II: Fatores relacionados a indisciplina escolar	Categoria III: Estratégias de mediação do professor frente a indisciplina escolar
- Subcategoria I: Definição de indisciplina escolar - Subcategoria II: Situações de indisciplina	- Subcategoria I: Fatores familiares - Subcategoria II: Fatores escolares - Subcategoria III: Fatores relacionados ao aluno	- Subcategoria I Contribuições teóricas e da formação acadêmica - Subcategoria II Planejamento de projetos - Subcategoria III Atuação em situações de indisciplina

Fonte: Dados da pesquisa

Com a primeira categoria geral, foi possível atingir o primeiro objetivo específico proposto por esse trabalho (*Averiguar as concepções de professores do ensino fundamental sobre a indisciplina escolar*). Para a construção dessa categoria foram utilizadas a primeira e terceira questão registradas no roteiro de entrevista. Na primeira, (*Na sua concepção, o que é indisciplina escolar?*) observou-se que os professores procuraram descrever a

indisciplina enquanto comportamentos dos alunos que estavam em desacordo com as regras e normas da escola. Nas respostas à questão 3 (*Enfrenta casos de indisciplina em sua turma? Descreva-os*) os professores descreveram comportamentos de indisciplina por parte dos alunos, citando exemplos. O conteúdo dessas respostas foi organizado em duas subcategorias: **Subcategoria I: Definição de indisciplina escolar**; **Subcategoria II: Situações de indisciplina**.

As respostas dos professores agrupadas na **Subcategoria I (Definição de indisciplina escolar)**, indicaram a indisciplina escolar tanto como quebra de regras gerais da escola (participantes 1, 6, e 7) quanto como atitudes comportamentais inadequadas mais específicos que atrapalham o processo pedagógico (participantes 2, 3, 4, 5, 8) - bagunçar, ter falta de educação, perturbar, chamar atenção, conversar, chamar palavrões, faltar com respeito, faltar com interesse e ser indiferente. Duas falas dos participantes podem exemplificar essa categoria: Participante 6: *“A indisciplina escolar está relacionada a atitudes adversas que surgem em sala de aula que levam os alunos a desrespeitar as regras de convivência e desrespeitam comandos e orientações apresentadas pelos professores”* e participante 5: *“É a conduta de um aluno em sala de aula ou até mesmo nas dependências da escola que de alguma forma atrapalha, de forma prejudicial o desenvolvimento da aula, a atuação do professor, o aprendizado dos outros alunos e também do próprio aluno que se comporta inadequadamente em sala de aula”*.

Na **Subcategoria II (Situações de indisciplina)** figuram às respostas a respeito do relato por parte dos professores de situações de indisciplina, o que favoreceu a compreensão das definições relatadas na primeira questão. Sete entre oito entrevistados relataram que enfrentam casos de indisciplina escolar praticada pelo aluno (entrevistados 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8) e apenas um afirmou que não enfrenta (entrevistado 1). Os relatos do entrevistado 4 e 5 exemplificam bem esse contexto - Professor 4: *Quantas você quer que eu descreva? Muitos, e muitas variáveis, de desrespeito, de palavrões, de desrespeitos tanto ao professor com os próprios colegas, e o principal é a falta do interesse. Mas assim, enfrentamos inclusive físico. Além do verbal, o físico*; Professor 5: *“Sim, o aluno conversa o tempo todo; sempre falando muito alto, desconcentrando-se das tarefas e prejudicando os outros colegas, consequentemente”*.

Como foi visto 37, 5% dos professores definiu a indisciplina escolar como quebra de regras e 62, 5% como comportamentos inadequados (bagunçar, falar alto, se levantar, entre outros). As concepções apontadas parecem estar na mesma direção das considerações

descritas por Damke, Urt, Sausen e Walter (2012) que compreendem a indisciplina escolar como negação da disciplina, ou como “desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas pelo grupo.” (p.3); Como também pelas colocações de Martins, Oliveira e Nicot, (2016) que descrevem que a visão de professores sobre a indisciplina é caracterizada como conversas paralelas na sala de aula, mastigar chiclete, não realizar as atividades pedagógicas, mexer no celular, desafiar a autoridade do professor, ficar de costas quando o docente fala, se levantar a todo instante, perder aula. No entanto, é válido refletir sobre o que pontua Brito (2012) a respeito da necessidade de avançar na compreensão da indisciplina que, para ele:

“[...]deve ser pensada como um acontecimento que implica uma multiplicidade de aspectos que estão ligados a tudo o que diz respeito ao ensino: professores, alunos, organização escolar, práticas educativas bem como os objetivos e as perspectivas que orientam essas práticas.

A partir dessa compreensão de Brito (2012), enxergar a indisciplina escolar como algo recorrente e ligado apenas ao aluno significa desconsiderar tudo o que lhe envolve e influencia. Ao descrever a indisciplina apenas na perspectiva dos comportamentos inadequados dos alunos nota-se uma carência de reflexão mais elaborada a respeito de outros fatores que a definem. Barbosa (2012) por sua vez deixou claro que não se trata apenas de fenômenos comportamentais de inquietude, mas consta com a omissão, por isso, um aluno quieto e silencioso pode ser também indisciplinado em relação as atividades pertencentes ao grupo estudantil. Consequentemente, abre-se um parêntese para lembrar que a indisciplina pode ocorrer não só através do aluno, mas por parte de todos os atores internos do espaço escolar.

No tocante a **Categoria II (Fatores relacionados à indisciplina escolar)**, as respostas dos participantes possibilitaram atingir o segundo objetivo específico adotado (*Descrever quais fatores estão relacionados a indisciplina escolar na concepção de professores do ensino fundamental*). Para a construção desta categoria foram utilizadas as respostas à quarta questão do roteiro de entrevista (*Na sua opinião quais fatores estão relacionados à indisciplina escolar dos alunos?*). O corpus possibilitou a estruturação de três subcategorias: **Subcategoria I: (Fatores familiares)**, **subcategoria II: (Fatores escolares)**, **Subcategoria III: (Fatores relacionados ao aluno)**.

A **subcategoria I (Fatores familiares)** agrupa respostas de todos os participantes que unanimemente pontuaram o contexto familiar como o principal fator que desencadeia a indisciplina escolar. Os docentes relataram que as famílias dos estudantes erram em pontos

específicos como na falta de limites, levando o aluno a reproduzir na escola comportamentos de desrespeito às figuras de autoridade, apontando ainda que a omissão dos pais, a falta de interesse em educar e de apoio aos estudos são fatores que promovem a indisciplina dos alunos.

Exemplos: Entrevistado 2: *“Como eu vejo, [...]é mais questão de família mesmo! A família pesa muito na questão da indisciplina deles, porque eles refletem muito o que eles veem em casa.”*

Entrevistado 8: *“É, acho que tem uma coisa extremamente importante que é a questão de regras, de limites que devem ser colocados na educação vinda de casa... Se isso consegue acontecer em casa, na escola a gente vai dar continuidade. Quando não se tem essa condição, realmente fica muito difícil pra nós enquanto professores, conseguirmos fazer com que as regras ou os acordos sejam sempre bem realizados.”*

Segundo o apontamento de CHARLOT (2015):

“ [...] o ser humano nunca é completo, nunca coincide completamente do que pode vir a ser. Não existe ser humano em si; por condição, o ser humano é certa realização social e cultural da humanidade.”

Por meio disso, pode-se afirmar que somos constituídos tendo em vista as múltiplas influências, como as familiares, sociais, culturais e econômicas. A família verdadeiramente apresenta relevância na contribuição da constituição do sujeito (REIS, 2010, p.2), ela é, teoricamente, o primeiro meio representativo no desenvolvimento da criança, no entanto, o desenvolvimento humano é algo complexo (PAPALIA, 2000), nos “refazemos”, nos construímos ao longo da vida, e enquanto seres sociais nossas relações extrapolam às familiares.

O fato de 100% dos participantes considerarem a família com principal fator ligado a indisciplina escolar nos conduz a relembrar o que Silva (2016) falou, ou seja, que muitos docentes estão baseados em estigmas ou determinismos pedagógicos, que são formas de justificar algo baseado a fatores externos, na qual o professor não pode resolver, assim, acabam se eximindo da sua responsabilidade e anulando qualquer possibilidade de mudança. Portanto, é preciso ampliar a visão no sentido de que a indisciplina escolar não está ligada apenas as demandas familiares, mas pode ser resultado de inconsistências do próprio ambiente estudantil (BATISTA, 2005).

Na **subcategoria II (Fatores escolares)**, constam as respostas dos participantes que afirmaram: a maneira como a escola, funcionários, e professores lidam com o aluno

favorecem a falta de disciplina desses alunos na escola (Participantes 3 e 5). Em seus discursos atentaram para ocasiões desfavoráveis na estrutura escolar, equipe pedagógica, aulas não atrativas e relacionamento entre professor e aluno como exemplos desses fatores escolares. A fala do entrevistado 3 representa bem essa subcategoria: *“Olha, essa é uma resposta difícil de pontuar, eu acredito que são muitos, vai desde da estrutura familiar até a estrutura da escola, até o corpo docente, que muitas vezes... não só o corpo docente mas o corpo de funcionários passa por isso também então fica muito difícil de pontuar um ou outro, por que é um contexto que provoca essa indisciplina”*.

Inicialmente foi possível perceber que apenas 25% dos entrevistados consideraram que a indisciplina escolar pode estar relacionada a questões escolares. Assim, pode-se afirmar que poucos docentes refletem sobre a relação do fenômeno com a conduta autoritarista ou negligente da escola e professor tratar questões que envolvam a educação. Concerne dizer que a construção da educação brasileira (tal como brevemente descrita no capítulo 2 do presente trabalho) foi marcada por forças coercitivas, (punitivas, sem conversa, sem se reavaliar a sua própria conduta) e que tais influenciam até os dias atuais na constituição do professor e em sua relação com o aluno, pois em alguns casos, os alunos acabam gerando a busca por romper com esse tipo de relacionamento, como relata Simon (2012):

“A indisciplina, nesse caso, pode ser uma ruptura, uma desvinculação com a autoridade docente ilegítima, não reconhecida pelos alunos, rompendo com aquilo que define a autoridade. Essa ruptura demonstra um sentimento de liberdade por parte dos alunos e pode mostrar quem eles são, o que eles querem e, também, a necessidade que eles possuem de uma figura de autoridade.”

É pertinente lembrar conforme Freire (2000) que o professor deve buscar manter o equilíbrio (autoridade) em sua atuação, não seguindo uma linha arbitrariamente autoritária (autoritarismo), nem tão pouco uma maneira exageradamente permissiva (licenciosidade), com isso, tudo o que envolve a escola, isto é, o currículo, deve ser pensado pela equipe pedagógica a partir das necessidades e realidades atuais, isto é, o contexto dos alunos, a localidade, as debilidades e potencialidades (CHARLOT, 2015). É preciso promover na escola espaços de construção, reflexão, projetos de intervenção que levem os alunos a refletirem sobre seus comportamentos e sobre a importância do respeito às normas. É central nesse entendimento que se pense em estratégias de desenvolvimento de um raciocínio moral cada vez mais elevado, e para isso, pode-se adotar estratégias que

promovam o desenvolvimento da cognição e de aspectos ligados ao desenvolvimento emocional, como a empatia, tal como ressalta Galvão (2010).

Na **Subcategoria III (Fatores relacionados ao aluno)** consideraram-se as respostas de dois professores que pontuaram a falta de interesse, de vontade e da noção da necessidade do próprio aluno (*Entrevistado 4*): “*A falta de estímulo deles mesmos, a falta de vontade, o fato deles não perceberem a necessidade de aprender, de se educar[...]*” bem como situações relacionadas a economia e saúde dos alunos considerando que a indisciplina pode estar ligada a precariedade financeira e a falta de saúde (Fala do professor 6): “*Em grande parte dos casos busco investigar os fatores advindos por questões familiares, econômicas e de saúde, para então agir de maneira coerente em cada situação.*”

De fato, o aluno é um dos atores que compõe o espaço da escola, e assim para Simon (2012) a indisciplina pode aparecer como sinal de falta de interesse pela autoridade, ou pelo conhecimento, escola e por si mesmo, por desacreditar sobre o que a escola pode oferecer na melhoria do seu futuro. Referente ao que foi colocado, é interessante que Chartot (2015) afirma que há alguns problemas no âmbito escolar porque muitas crianças não entendem porque estão ali, indo a escola para cumprir uma obrigação. Delors afirma que a educação, para ocorrer da melhor forma, deve ser sustentada em quatro pilares, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

“Aprender a conhecer, combinado uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, [...] competências que tornem a pessoa capaz apta a enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipe [...]. Aprender a viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências- realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Aprender a ser, [...] está a altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.” (DELORS, 2003 P. 101).

E como colocar isso em prática? Buscando responder essa questão é importante que a educação caminhe em relação aos objetivos desejados, pois o aluno precisa se sentir incluído nas atividades, ser instigado a descobrir respostas, e principalmente saber valorizar sua escola e professores, isso não é construído do dia pra noite, já que educar não é apenas um verbo. A grande questão é educar para quê? (RICHERS, 1971). Com isso o professor

deve estar determinado para que o aluno se desenvolva a fim do exercício cidadão e usufrua de uma cultura de responsabilidade, ou em outras palavras seja disciplinado.

Mediante a tal é relevante lembrar que a disciplina é algo positivo e não arbitrário:

A disciplina não é um conceito negativo; ela permite; autoriza; facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é. Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar. (BARBOSA, 2012, p.41).

Por fim, na **Categoria III (Estratégias de mediação do professor frente a indisciplina escolar)** utilizaram-se as respostas dos professores às questões 6 (*Como você pontua a contribuição da sua formação acadêmica para atuar diante de situações de indisciplina escolar?*); 7 (*Quais teóricos abordados no período de formação acadêmica contribuíram para sua compreensão do tema indisciplina escolar?*); 2 (*Já trabalhou algum projeto para prevenir a indisciplina na escola? Descreva brevemente*) e 5 (*Descreva como se dá sua atuação em situações de indisciplina escolar*), o que possibilitou alcançar os objetivos específicos três (*Observar como o professor julga que seu processo de formação docente contribuiu/contribui para sua ação mediadora em situações de indisciplina escolar*) e quatro (*Registrar como o professor relata a gestão da sala de aula diante de situações que envolvem a indisciplina escolar*). Como é possível observar no Quadro 1, a partir do *corpus* foram organizadas três subcategorias: **Subcategoria I: Contribuições teóricas e da formação acadêmica**; **Subcategoria II: Planejamento de projetos** e **Subcategoria III: Atuação em situações de indisciplina**.

A **Subcategoria I (Contribuições teóricas e da formação acadêmica)** agrupou as narrativas coletadas nas questões 6 e 7. Quatro participantes revelaram que a formação universitária não contribuiu, para a atuação diante de situações de indisciplina (Entrevistados 1, 4, 5 e 7) e os outros 2 professores (Entrevistados 3 e 6) disseram que sua formação durante a graduação contemplou a temática, porém restaram lacunas tanto no tocante à pouca contribuição das aulas sobre o tema quanto a escassez da vivência prática no período da graduação. As falas dispostas a seguir representam cada um desses grupos de forma respectiva.

Relato do professor 1 – Exemplo de **não** contribuição universitária: “*Então, em nenhum momento a universidade falou a respeito de como lidar com a indisciplina escolar. Em nenhum momento... Não tivemos professores que pudessem abranger esse conteúdo,*

então acredito que a minha prática como professora, em sala de aula é que me faz aprender. E como professora e pesquisadora é necessário que nós venhamos buscar como trabalhar com esses alunos. Então a universidade não proporcionou isso, mas como professora, é... eu busco pesquisar para poder trabalhar a respeito da temática.”

Relato do professor 3 – Formação com lacunas: *“Durante a minha formação esse item é discutido, refletido mas a gente não tem a prática. Na verdade, a gente vai aprender dentro da situação, cada situação que você vai agir conforme o acontecido.”*

No entanto, um professor (Entrevistado 8), afirmou que sua formação foi bastante positiva contribuindo com o desenvolvimento de estratégias para o enfrentamento da indisciplina escolar. Nas palavras dele: *“Eu tive algumas disciplinas de psicologia na universidade, porque eu venho de uma licenciatura que já foi extinta, que é o curso de educação artística, mas, a minha especialização é em psicopedagogia. Eu acho que isso contribuiu muito, a gente tentar entender, claro em relação a aprendizagem, mas isso pra mim isso tudo está junto... a questão do aluno que está atento para aprender ou o aluno que não está, e o que é que está causando isso, não é, de que forma a gente pode chegar junto e entender de onde vem esse desafio para nós educadores. Então eu acredito que algumas disciplinas que eu paguei na universidade, outras na especialização, mas principalmente a prática de tentar entender o que acontece pra que a indisciplina exista é o principal norte pra gente tentar chegar a uma solução”*

A esse respeito, foi visto que a maioria 75% não saíram satisfeitos com a graduação para atuar em relação a indisciplina escolar, validando o que foi exposto anteriormente por Vasconcelos (2009) quando diz que os cursos de licenciatura não estão dando muita ênfase ao tema, deixando-o em escassez.

Ademais pode ser relevante dizer que o único professor (participante 8) que ressalta a importância de sua formação, deu continuidade a esse processo, para além da graduação inicial (graduado em artes, mestrado em psicopedagogia). Assim, pode-se supor que sua formação continuada pode ter o munido de mais reflexões e aprendizagens para atuação frente a situações de indisciplina. Destaca-se assim que a formação docente não deve se deter apenas ao período da graduação, ela precisa avançar para que educação adquira qualidade. Conforme os pensamentos apontados por (TOZETTO, 2015):

“É importante que se tenha clareza de que a formação continuada é um processo a ser desenvolvido por toda a carreira docente, que vai sendo aos poucos construído e reconstruído, com o propósito de melhoria da prática e por consequência uma melhoria da educação.”

Além disso, TOZETTO (2015) chama atenção para a necessidade de compreender e praticar, respaldado nas contribuições teóricas aprendidas no período de formação:

“Quando a formação continuada fica só na transmissão de informações e não na construção de saberes que favoreçam a aquisição do conhecimento científico, deixa de propiciar um ensino no qual se forma um sujeito crítico, atuante na sociedade em que vive.”

No que concerne à **contribuição teórica** (respostas à questão 7 - Quais teóricos abordados no período de formação acadêmica contribuíram para sua compreensão do tema indisciplina escolar?), dois participantes (entrevistado 1 e 5) afirmaram não lembrar de nenhum teórico e um professor (Entrevistado 4) não respondeu diretamente. Os demais apontaram as seguintes contribuições teóricas: teoria interacionista de Emília Ferreiro (Entrevistados 6 e 7); Vygotsky (entrevistados 2 e 8); Paulo Freire (entrevistado 3 e 6), Maria Montessori (Entrevistado 6), no entanto, sem fazer uma relação direta e mais específica com a indisciplina. Exemplo, relato do professor 2: *“Não indisciplina em si, mais eu gosto muito de Vygotsky, quando ele fala da questão sócio-histórica, se eu não me engano, que tem que observar não só o comportamento dele na escola, mas o comportamento dele fora da escola como influencia ele na questão escolar”*.

Inicialmente podemos perceber uma certa fragilidade ao lançarem mão da contribuição de teóricos, pois nenhum deles relatou como os teóricos citados forneceram embasamento para fortalecer a atuação diante da indisciplina escolar. Chama a atenção ainda que, Emília Ferreiro, uma das citadas, não está ligada às discussões da indisciplina escolar, uma vez que aborda a *psicogênese da língua escrita* e o letramento. A esse respeito, Perdigão (2002) defende que ao tomar decisões os professores tendem a recorrer a concepções pessoais, isso porque na prática se deparam com pressões envolvendo a falta de tempo, cultura escolar e a própria limitação da formação. O que permite retomar o que foi citado ao longo deste trabalho, envolvendo os esclarecimentos de SILVA (2016), quando afirma que debilidades aparecem na concepção de professores sobre Indisciplina Escolar resultantes da pouca atenção dada a respeito da temática no período de formação.

Na Subcategoria II (Planejamento de projetos) às respostas dos participantes à questão 2 (*Já trabalhou algum projeto para prevenir a indisciplina na escola? Descreva brevemente*) forneceram material para apreender como se dá o trabalho e envolvimento dos professores em projetos sobre indisciplina escolar. Quatro entre oito participantes afirmaram planejar projetos (entrevistado 3, 4, 6 e 7), no entanto, dois deles disseram não observar

resultados desejados (entrevistados 3 e 4) enquanto, os outros dois, reconhecem certo avanço (entrevistados 6 e 7). Três professores (entrevistados 1, 2 e 5) revelaram não planejar ou participar de projetos relacionados a indisciplina na escola e apenas um não respondeu com clareza sobre essa questão (entrevistado 8). A fala do professor 3 exemplifica o envolvimento em projetos que parecem, na visão dele, não obter o resultado esperado: *“Sim, a escola vem tentando durante o ano trabalhar de várias maneiras, alguns dá um certo resultado, mas, infelizmente no nosso caso aqui, isso continua gravemente acontecendo, a gente ainda não conseguiu a solução mágica ainda para esse item”*. O relato do professor 7 exemplifica uma concepção da presença de projetos que, na visão dele, contribuem para a prevenção da indisciplina - *“Sim. Praticamente temos projetos constantes sobre indisciplina. Um deles é utilizando das regras do trânsito, faixa de pedestre, semáforo, etc. Conhecendo regras e limites, a disciplina vira rotina.”*

Finalmente, a **Subcategoria III (Atuação em situações de indisciplina)** nos revelou que cinco entre oito entrevistados tentam utilizar estratégias de investigação e diálogo, visando levar o aluno a refletir sobre seus comportamentos (Entrevistados 1, 2, 6, 7 e 8). Como pode-se ver no seguinte exemplo (Entrevistado 8): *Eu acho que a primeira coisa é ter uma conversa com a criança, ou adolescente e expor a situação, fazer com que esse reflita sobre o ocorrido. Entender por que vivemos em sociedade e se precisa disso, é, pra gente caminhar da melhor forma possível, fazendo entender que essa pessoa, esse ser, seja um bom cidadão ou cidadã.”* Dois professores (Entrevistados 1 e 3) declararam tentar, mas não alcançar resultados, por isso, passam a encaminhar o aluno para direção. Um professor (entrevistado 5) disse buscar incentivar e motivar o aluno por meio de aulas atrativas e o outro docente (entrevistado 4) citou se posicionar de forma austera, com autoridade a fim de sanar situações de indisciplina.

Quanto ao Planejamento de Projetos, 37,5% dos docentes colocaram que não planejam e 50% disseram que planejam para prevenir a indisciplina na escola, sendo que 25% destes apontaram não enxergar resultados. Sendo assim, ainda há um descrédito com o planejamento de projetos ou supostamente o fazem para atender a uma exigência escolar.

Contudo, é possível falar de forma mais abrangente contemplando o projeto da escola (*Projeto Político Pedagógico – PPP*) ou até mesmo, projetos mais específicos (*Projetos Pedagógicos*), tal como destaca Charlot (2015), o educador deve elaborar projetos pensando no global e local, levando em consideração as características e o relacionamento com os estudantes, mobilizando recursos culturais e financeiros para conseguir um melhor

aproveitamento. Via de regra, isso lhe exige uma postura profissional diferente do modelo tradicional (com resquícios das influências educacionais sócio-históricas brasileiras, marcadas por forças coercitivas). Mas, pelo fato de não ter familiaridade com outra conduta de ser e estar na profissão, professores acabam por não ficar à vontade com a prática. Nessa direção, Alarcão (2005) aponta que o projeto geral da escola vem para ser um instrumento de consolidação da autonomia, incluindo o processo de produção do conhecimento (investigação), mudanças na organização (inovação) e mudanças nas representações práticas dos sujeitos (formação). No tocante a atuação em situações de indisciplina, os educadores, em sua maioria, afirmaram investigar, conversar com os alunos visando a reflexão. Nesse sentido, FREIRE (2000) vislumbra sobre a necessidade de saber escutar o aluno, gerando um diálogo pertinente:

“Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posição ou concepção do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto do seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala com ele.” (Freire, 2000, p. 128).

Mediante ao que foi pontuado, a conduta de conversar, investigar e refletir é positiva, pois, o professor tem mais chances de mitigar problemas relacionados fatores que causam a indisciplina escolar. É possível dizer que a concepção e a mediação pedagógica sobre a indisciplina ainda está fragilizada, pois muitos educadores não conseguem definir o conceito de forma mais crítica, descentralizando a responsabilidade/causalidade da família, buscando (ampliar a qualidade da sua formação) por continuar o processo formativo ou pesquisar e articular de projetos que melhora a mediação pedagógica. Apesar de haver muitos relatos de Indisciplina na escola, poucos professores se mostraram munidos de bagagem teórica para lidar com tal, o que é um ponto negativo para o auxílio na transformação social, visto que para alcançarmos a mudança tudo começa pela ação de querer fazer, de descobrir, de se engajar, de tentar transformar e essa ação não se isenta de uma reflexão que reorganiza, reorienta, afirma, na qual ambas dever estar ancoradas em algo cientificamente coerente, como apontado por Paulo Freire.

“[...]se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação.” Freire (1997)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação deve objetivar a transformação, o desenvolvimento, a melhoria, a oportunidade, a evolução. Desacreditando disso não se pensa coerentemente em educar, muito menos em mediar evoluindo todos os seus aspectos, dentre eles para alcançar a disciplina. Considerando o teor das informações adquiridas ao longo desse trabalho, pode-se afirmar que os objetivos aqui propostos, foram alcançados. Como principais contribuições do trabalho, ressalta-se que a sociedade e principalmente os educadores, possam ampliar a visão de que a indisciplina escolar agrega, para além dos fatores familiares e pessoais do aluno, outros que envolvem a própria dinâmica da instituição escolar. Ainda, a formação continuada, é algo a ser fortalecido, pois, pode permitir a ampliação de conhecimentos e melhoria da prática docente, recorrendo a instrumentos como, por exemplo, projetos atrelados ao desenvolvimento do aluno e dos objetivos da educação.

Como limitações, reconhece-se a dificuldade de acessar mais professores em decorrência do quadro atual de Pandemia no país. Por isso, indicam-se propostas futuras para estudos sobre a temática. Tais estudos podem estar votados para a forma que o próprio aluno enxerga a indisciplina ou para o planejamento de projetos para prevenção de indisciplina escolar, concretizando cada vez mais o avanço do estudo nessa área.

6 REFERÊNCIAS

_____. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 5 ed. São Paulo: Cortez.

ALARCÃO, Isabel. **Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da Escola Pública Contemporânea**. MS: Ed. UFMS: Campina, SP: Autores Associados, 2001, p. 288.

ANDRADE, Fernando. **Escola: Faces da Violência, Faces da Paz**. Editora Universitária da UFPB, 2012.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa [online]**. vol.46, n.161, p.664-692. Set 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000300664&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 de set. 2019.

AZEVEDO, Fernando. **A transmissão da Cultura**. 5. ed. Da Obra A cultura brasileira. São Paulo: Biblioteca da Educação Melhoramentos, 1976.

BARBOSA, Fernanda Loiola. Disciplina e Indisciplina na Escola: Compreender o passado para transformar o presente. In: Org. Clovis Brito. **Indisciplina Escolar: Antigos Problemas, novas discussões**. Rio de Janeiro. Wak editora, 2012, p. 29-46.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, ed. 70, p. 229, 2011.

BATISTA, Isabel. Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético. Porto, Portugal: Profedições, 2005.

BISPO, Marlucy Mary. Educação da Criança na Pedagogia Moderna: A “Antipedagogia dos Castigos Físicos” (século XVI-XVIII). **Interfaces Científicas**, Aracajú, v.6, n.3, p.183-192, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/4338>>. Acesso em: 14 de ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e de outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul.1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em 13 de dez. 2029.

BRITO, Clovis. A Indisciplina Escolar: Somente um problema comportamental?. In: Org. Clovis Brito. **Indisciplina Escolar: Antigos Problemas, novas discussões**. Rio de Janeiro. Wak editora, 2012, p. 67-84.

CARVALHO, Maria. MORAIS, Grunaura. CARVALHO, Bruna. **Dos castigos escolares à construção de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas**. Ensaio:Avaliação. Pol. Públic. Rj, v 27. n. 102, p. 24-26. 2019.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1 ed. São Paulo. Cortez Editora, janeiro 2015.

DAMKE, Anderléia. URT, Sonia. SAUSEN, Edilena; WALTER, Maristela. A indisciplina, a prática docente e a percepção social: Implicações com a cultura escolar. **III Conedu**, p.1-12. Disponível em:<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID12548_17082016171045.pdf>. Acesso em: 18 de jan. 2020.

DAYAN, Silvia Parrat. **Como Enfrentar a Indisciplina na Escola**. Editora Contexto, 2º ed. 2012.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. [[Links](#)]

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez. p. 89-102.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERRREIRA, AC, dos Sanyos, ER e Rosso,AJ. Representação social da indisciplina escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, p. 199-208. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/1590/0102-37722016012074199208>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Paz e Terra. Ed.43º. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Paz e Terra. Ed.16, 2000.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 5.ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2005.

GADELHA, Regina. Educação no Brasil. Desafios e crise institucional. **Revista Pesquisa e Debate**. São Paulo. Vol 28, 2017

GALVÃO. L. K. de S. **Desenvolvimento Moram e empatia: Medidas, correlatos e intervenções educacionais**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, 2010.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, n.95, p.101-108, jan/abr.1999.

GODTSFRIEDT, Jonas. Ciclos se Vida Profissional na Carreira Docente: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Corpocsciência**. Cuiabá – Mt. Vol 19, n.02, p. 09-17. Mai-ago, 2015. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/3870>. Acesso em: 12 d Jan. 2020.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. Ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61

LEMONS, Paulo. (Des) Encontros com a indisciplina. Universidade do Porto. **Revista da educação geográfica**.n.3,p.7-38.2017.Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/GETUP/article/view/3934>. Acesso em: 22 de dez. 2019.

MARTINS, Lizandra. OLIVEIRA, Adriano. NICOT, Yuri. Indisciplina Escolar na percepção de docentes e discentes no ensino fundamental. **Eductec**, v. 02, n.04, Dez, 2016. Disponível em:<<https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/98>>. Acesso em: 07 de jul. 2019.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Indagações sobre currículo : currículo, conhecimento e cultura**. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERDIGÃO, Ana Luiza Rocha Vieira. Concepções Pessoais de futuros Professores sobre os processos de Aprendizagem e Ensino. In: REALI, Aline Maria De Medeiros Rodrigues; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti (orgs.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2002. PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança** (2ª ed.). São Paulo: Summus, 1994.

PORTELA, Oswaldo. Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras. **Revista de Letras** Curitiba, p.103-119, 1984. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19320/12605d/19320/12605>>. Acesso em: 21 de Nov. 2019.

REIS, Marília. A Contribuição da sociologia da educação para a compreensão da educação escolar. Unesp, Botucatu, 2010.

REMY, Herrera. **A Colonização vista por Max para além de alguns mal entendido**. Argum, Vitória, v.11. p 42-55, 2019.

RIBEIRO, Paula. História da Educação Escolar no Brasil: Notas para uma reflexão. **Paidéia**. Ribeirão Preto, 4 fev, 1993. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/03.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

RICHERS, Raimar. Educar- para quê?. **Rev. Adm. E,pres**. Vol.11 no. 4 São Paulo out./dez.1971. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901971000400007&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 19/08/2020.

SANTANA, Andriele Moraes; SANTOS, Carina dos; SILVA, Marcos Paulo Andrade. A indisciplina escolar e suas perspectivas. **Revista Saberes**, [S.l.], v. 1, n. 8, p. p. 15-20, maio 2019. ISSN 2358-5986. Disponível em: <<http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistasaberes/article/view/151>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SAVIANI, Derval. **Florestan Fernandes e a educação. Estudos Avançados** . 1996.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a educação básica: Questões desafiadoras para um novo plano educacional de educação. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul-set. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.inicamp.br>>.

SCHEIBE, Leda. **Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação**. Educ. Soc. [online]. 2010, vol.31, n.112, pp.981-1000. ISSN 1678-4626.

SECO, Ana Paula; AMARAL, T. Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira. Faculdade de Educação, Unicamp. 2006.

SECO, Ana Paula; ANANIAS, Mauricéia e FONSECA, Sonia Maria. Antecedentes da administração escolar até a república (...1930), In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.54–101, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev22e.html>. Acesso: 10 maio 2020.

SILVA, Fernanda. MACEDO, Aline. Concepções sobre indisciplina de professores na rede pública de Monte Alegre de Minas, Minas Gerais. **Revista de Educação Popular**, v.15, n.1, p. 117-126, ago. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/30916>>. Acesso em: 14 de jan. 2020.

SILVA, Rafael Rodrigues. Disciplina Escolar e Gestão de Sala de Aula no Campo Educacional Brasileiro. Universidade de Caxias do Sul. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 533-554, Abril-Junho, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46473>>. Acesso em: 20 de jan. 2020.

SIMON, Ingrid. O conceito de indisciplina a partir da autoridade. In: Org. Clovis Brito. **Indisciplina Escolar: Antigos Problemas, novas discussões**. Rio de Janeiro. Wak editora, 2012, p. 47-65.

SOUSA, Francisca M. A. de Andrade. Distúrbios, Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem: Uma Perspectiva de interface entre saúde e educação. 2012. Disponível em: Acesso: 30 mar. 2020.

TOZETTO, S.S. Docencia e formação continuada: Editora Educere, p.13.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung e HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos**. *Rev. psiquiatr. clín.* [online]. 2007, vol.34, n.5, pp.223-233.

VASCONCELLOS, C. **(In)Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2009

VASCONCELLOS, Celso. Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola. **Metodologia Científica**. São Paulo, p.1- 29, nov. 1996. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/39168499/vasconcellos-2006-os-desafios-da-indisciplina-em-sala-de-aula-e-na-escola>>. Acesso em: 15 de nov. 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA,. Cristina (Org.). **Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papirus, 2008. P. 13-21.

VILLALBA. Osvaldo Arsênio. SILVA, Rui Barreto. Indisciplina na Escola: Uma análise dos fatores de influência no interior do Ceará, Brasil. Id. On line. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v.12, n.41, p. 583-612, 2018. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1244/1804>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

XAVIER, Luizanil. COTRIN, Jane. O atendimento psicológico à queixa de indisciplina escolar na rede de saúde: Reflexões Críticas. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 24, n.1, p. 19-39, abril 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v24n1/v24n1a03.pdf>>. Acesso em: 14 de julho de 2019.

ANEXOS

Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada colaboradora,

Esta pesquisa é relacionada a Indisciplina Escolar e está sendo desenvolvida pela aluna do Curso de Pedagogia, Renata Letícia dos Santos Lins, sob a orientação da Prof^a Dr^a Célia Maria Cruz Marques Chaves, professora da Universidade Federal da Paraíba.

A Indisciplina Escolar se relaciona diretamente com o objetivo geral do estudo, que é compreender como se dá a ação mediadora de docentes do ensino fundamental frente tais a situações. Por isso, tal pesquisa tem a finalidade de contribuir para a formação acadêmica de pedagogos no que se refere às concepções sobre o tema na atualidade, e identificar no que elas estão baseadas.

Assim, diante da atual conjuntura de crescimento da discussão e efetivação da prática da Indisciplina na educação, pode ser relevante que mais pesquisas sejam fomentadas a fim de averiguar o quanto o processo da formação do professor e de seu olhar pedo contribuir para intervenções plausíveis.

Solicitamos a sua colaboração para responder aos questionários da pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. No entanto, é possível identificar como risco ou incômodo, um tempo mais prolongado do que o estimado pelos pesquisadores para observação e resposta aos questionários da pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo(a) Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não lhe será negado esse direito e a sra não sofrerá qualquer dano.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto nas resoluções 466/12 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Contato com o (a) Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora: Renata Letícia dos Santos Lins

Endereço: (Castelo Branco) Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação; Concluinte do Curso de Pedagogia CEP: 58051-900 - João Pessoa, PB - Brasil.

Endereço Pessoal: Rua José Simões de Araújo, 602, ap.101 – Bessa.

Telefones: +55 (83) 3216-7444 (Centro de Educação/UFPB)

Telefone pessoal: (83) 986953837

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I

Bloco Arnaldo Tavares, sala 812 – Fone: (83) 3216-7791

Anexo II: Roteiro de entrevista estruturado e questões biosociodemográficas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Na sua concepção, o que é indisciplina escolar?
- 2) Já trabalhou algum projeto para prevenir a indisciplina na escola? Descreva brevemente.
- 3) Enfrenta casos de indisciplina em sua turma? Descreva-os.
- 4) Na sua opinião quais fatores estão relacionados à indisciplina escolar dos alunos?
- 5) Descreva como se dá sua atuação em situações de indisciplina escolar.
- 6) Como você pontua a contribuição da sua formação acadêmica para atuar diante de situações de indisciplina escolar?
- 7) Quais teóricos abordados no período de formação acadêmica contribuíram para sua compreensão do tema indisciplina escolar?

Agora, gostaríamos de saber um pouco mais a seu respeito:

- 1) Idade: ____anos.
- 2) Sexo: (☐) Masculino (☐) Feminino.
- 3) Tempo em que exerce a docência: _____ anos.
- 4) Atua em escola: (☐) Pública (☐) Privada.
- 5) Concluiu a graduação em uma Instituição: (☐) Pública (☐) Privada.
- 6) Curso de graduação: _____
- 7) Possui algum curso de pós-graduação? Em caso afirmativo, indique qual curso:

- 8) Atualmente está se especializando: (☐) Sim (☐) Não.
- 9) Pretende se especializar: (☐) Sim (☐) Não.
- 10) Qual área do seu interesse? _____.

11) Assinale a alternativa de sua opinião, que são fatores desestimulantes para a especialização do docente.

- () Falta de encantamento;
- () Falta de recursos financeiros;
- () Falta de tempo;
- () Falta de incentivo;
- () Falta de perspectiva de uma melhor remuneração;
- () Falta de paciência;
- () Outros motivos:

Agradecemos sua colaboração!